

Viaturas Blindadas ou Sistemas-de-Armaz?

**Cel Cav QEMA
ZOLA POZZOBON**

Viatura é galicismo adotado em nossa língua e amplamente difundido no Exército, talvez por influência da antiga Missão Militar Francesa.

A designação de pessoa ou coisa pelo nome forma imagem indelével em nossa mente. Uma das primeiras atividades de nossos primeiros pais, segundo a versão bíblica, foi a de dar nomes a animais e coisas. Quando alguém nasce, a cerimônia mais importante que se segue é o batismo.

Sabemos que existem viaturas-sobre-rodas, sobre-lagartas e mistas, estas últimas mais raras. A blindagem pode ser montada sobre qualquer tipo de rodado.

Carros-de-combate, viaturas blindadas para transporte de pessoal ou de reconhecimento, etc., podem ser englobados como "blindados".

Assistimos ao impacto causado pela Motomecanização na conduta do combate e no resultado das batalhas durante a 2.^a Guerra Mundial.

Seus reflexos fizeram-se sentir no Exército Brasileiro que procurou, a partir da década de 40, familiarizar-se com engenhos blindados, desde o Ansaldo, Renault, Scout-car, M3 A1, Grant, etc., até o M 113, a série do M 41 e agora, o Urutu e o Cascavel, de fabricação Nacional.

A sede e a necessidade de dominar o motor, formar mecânicos e motoristas, numa época em que não havia indús-

tria nacional de automóveis, levaram o Exército a organizar a Escola de Motomecanização, denominação sabiamente mudada para Escola de Material Bélico, da qual vêm saindo "fornadas" de especialistas que transmitem seus conhecimentos à tropa.

Constitui motivo de zelo e como que "questão de honra" para comandantes de unidades motorizadas ou blindadas apresentarem o máximo de disponibilidade de viaturas em seus mapas mensais. Para isso, enfrentam os pontos de estrangulamento na cadeia de suprimento, em especial nas viaturas estrangeiras, escassez de ferramental e os óbices representados pelo serviço diário, que desvia mão-de-obra especializada.

Criada a mentalidade de manutenção, através do esforço diário, anônimo e persistente; alcançando alto grau de disponibilidade em viaturas, imaginemo-nos num corpo-de-tropa blindado, do início do período de Aplicação.

A unidade de carros desloca-se para o campo de instrução, onde será realizado um ataque, com ultrapassagem de elemento detido. Cruza-se a linha de partida. Desenvolvidos no terreno, progridem os carros. Caem sucessivamente, 01, 02, etc. e mensagens codificadas informam ao PC que o objetivo final acaba de ser conquistado.

Terminada a "manobra", procede-se à crítica, ressaltando-se os ensinamentos. Chefes de carros de motoristas, Cmt de subunidades e de pelotão, coordenação, comunicações, enfim, tudo e todos postos à prova, apresentando rendimento altamente compensador.

— Nenhum carro ficou para trás! — dirá com merecido orgulho o Cmt da unidade.

— Muito bem. Congratulações! — formulamos nós. Qual o resultado do tiro dos carros?

— Na verdade, o exercício não comportava tiro. Você sabe ...

— A unidade vai realizá-lo mais tarde?

Não creio. Este é o único exercício no campo de instrução, onde as condições permitem o tiro real. Mas...

Deixemos o diálogo imaginário de lado. Louvável terá sido a "manobra", porém, a rigor, a tal unidade de carros fez simplesmente um deslocamento através do campo, em formação aberta. Ao final, serviria de alvo para o inimigo.

Conhecemos as características dos blindados, dentre outras, — ressaltando-se a potência de fogo. Alguém já definiu que o ataque é o fogo que avança.

Rommel, na Campanha da França, em 1940, recomendava aos atiradores de sua divisão blindada que abrissem fogo antes que o inimigo o fizesse.

A rigor, o blindado é uma "arma ambulante", é um engenho protegido por uma couraça e capaz de se deslocar rapidamente em terreno variado, para levar seu poder de destruição ao interior e à retaguarda das linhas inimigas e isso ele o faz manobrando e atirando.

Um dos princípios de emprego de blindados é o da Massa, isto é, em formação mais ou menos compacta, que atuará como irresistível aríete. Para tal, entre outros quesitos, necessitam-se meios de comunicações, especialmente rádio. De escotilha aberta é perigoso combater, difícil transmitir ordens através de bandeirolas ou à viva voz, dadas as distâncias e o barulho dos motores e explosões das armas. Daí, a importância das Comunicações.

Pode-se, então, concluir, que o blindado é um sistema-de-armas — possui armamento variado (metralhadora, canhão ou míssil), é manejado por uma pequena guarnição, altamente especializada, capaz de avançar, recuar, flanquear e estacionar, sempre buscando a melhor situação para o tiro, em ligação ininterrupta com os escalões interessados, através de modernos meios de comunicações.

Na cúpula da cadeia administrativa que adquire, equipa e mantém os blindados está o Departamento de Material Bélico, com suas Diretorias de Armamento e Munição, de Moto-mecanização, etc., das quais o blindado é uma síntese.

Alguns países adotam a denominação de sistema-de-armas para seus blindados, entre eles a República Federal da Alemanha. Assim, existem o Waffensystem Leopard, Marder, etc.

Remontando ao título do presente trabalho, apresentamos as seguintes idéias:

— blindado não é somente um tipo de viatura, mas um sistema-de-armas;

— tão importante quanto “rodarem” é fazer os blindados atirarem;

— blindado sem Comunicações é um monstro às cegas;

— blindado é tão material bélico quanto o Departamento que o gerencia, na cúpula da cadeia administrativa;

— sendo um sistema-de-armas, merece nomes, como já os têm os nossos modernos Urutu e Cascavel, orgulho da indústria nacional e fruto de tanta dedicação por parte de uma plêiade de engenheiros com e sem farda.

— A unidade das Forças Armadas é instrumento essencial a serviço do Brasil de hoje.

(MIN. ORLANDO GEISEL)